

Recepção da Arquitectura Moderna Brasileira em Portugal – registos e uma leitura

Tânia Beisi Ramos

Madalena Cunha Matos

O artigo consiste em apresentar a divulgação da arquitectura moderna brasileira em Portugal com enfoque nos artigos publicados nas revistas periódicas portuguesas especializadas, assim como na bibliografia não periódica – estrangeira e nacional – presente no país. A década de 30 marca o arranque do estudo que se estende até à época da concepção do projecto de Brasília. São identificadas quatro fases na análise. A primeira fase implica o reconhecimento alcançado no cenário internacional das produções realizadas no Brasil. Está voltada para o impacto que a nova arquitectura moderna brasileira causa em Portugal, e apoia-se na divulgação das obras realizadas no Brasil evidenciando as características plásticas inovadoras então definidas. A segunda fase significa uma adesão máxima às inovações, formais, construtivas e espaciais contidas nos programas da arquitectura moderna brasileira por parte dos arquitectos portugueses. A busca das raízes culturais da modernidade brasileira alicerçou uma maior identidade arquitectónica entre os dois países. Na terceira fase detecta-se um decréscimo de interesse nessa relação, ao mesmo tempo que a historiografia portuguesa procede ao reconhecimento da influência anteriormente recebida. Analisaram-se as diferentes visões dos autores portugueses sobre o tema. Uma quarta fase implicaria um reatar do interesse português pela arquitectura brasileira, incluindo agora novas formas de produção, comunicação e recepção.

Palavras-chave: recepção, Brasil, Portugal.

This paper aims to present the diffusion of Brazilian modern architecture in Portugal, stressing the articles which were published in Portuguese professional periodicals, as well as in the non-periodical bibliography, both of national and international origin, which were present in Portugal at the time. The study starts in the 30's and it is extended up to Brasilia's Master Plan conception. Four phases are identified by the analysis. The first phase is concerned which the assumption of the impact caused at a worldwide scale by the built work of early Brazilian Modern architecture. It focuses in the particular impact it causes in Portugal, and is based on the diffusion in this country of the building's plastic characteristics then defined. The second phase means a maximum proximity from Portuguese architects to the formal, constructive and spatial innovations, which were brought by the programs then built in Brazil. The search for cultural roots of Brazilian modernity strengthened a larger architectural identity between thee two countries. In the third phase, is noticeable a decrease

of interest in this relationship, at the same time as Portuguese historiography writes an acknowledgement of the prior influences received from Brazil. The different approaches by Portuguese authors and publications. A new phase has started, which means a renewal of the interest from the Portuguese towards Brazilian Architecture, including this time now forms of production, communication and of reception.

Key words: reception, Brazil, Portugal.

Introdução

No decorrer do século XX, o Brasil ganhou aos olhos da sua antiga potência colonizadora um novo fulgor, que entusiasmou intelectuais, políticos e gente anónima. Das múltiplas e contraditórias manifestações desse aproximar, a que mobilizou arquitectos portugueses em torno da arquitectura moderna brasileira é o objecto deste estudo. O período actuante desse fenómeno localiza-se num tempo preciso – teve início nos anos 30, e desvaneceu-se no final dos anos 60. Da experiência histórica da produção, comunicação e consumo das obras de arquitectura, o estudo cingir-se-á aos modos de percepção da obra - aqui tomada não como a de autores particularizados, mas como a de um país, ou mais precisamente, do seu colectivo de arquitectos considerados como uma entidade só. Não se trata tanto do ponto de vista do autor quanto do receptor da obra. Nem do lado do destino desta recepção, se vai analisar a reacção do arquitecto individualizado. O ponto de vista mais lato seria o da troca entre dois colectivos, que nesta fase do estudo se circunscreverá ao acolhimento registado em Portugal à arquitectura moderna brasileira. A *démarche* visa detectar níveis de regularidade nas relações estabelecidas entre um conjunto e outro, e encontrar a cadeia que as liga diacrónicamente. A pesquisa convoca pois o conceito de recepção teorizado por H. R. Jauss e pretende inscrever-se na temática da difusão internacional da arquitectura moderna brasileira - doravante referida por AMB.

Para introduzir um índice dessa difusão, pode-se anunciar desde logo o encadeamento que postulámos e que desejámos verificar por meio de um método de aferição sectorial, por apenas abranger publicações, mas que oferece um nível suficiente de 'falsificabilidade'. A sequência postulada seria a seguinte: uma aproximação comedida, um interesse crescente, um clímax de convívio e influência e um decréscimo gradual, incorporando embora avanços e recuos. Mas, qual uma relação amorosa, o que se nos deparou foi bem mais brusco, imitando o inesperado da vida dos seres humanos singulares. Conhecendo embora as limitações de tais metáforas, psicologistas ou antropológicas, façamos delas um uso transitório, qual andaime a ser retirado quando já só atrapalhar os trabalhos. Até surgir outra interpretação mais justa, sustentemo-nos provisoriamente nelas. Assim: na realidade,

verifica-se uma primeira fase de surpresa absoluta e encantamento. Não há defesas perante o deslumbre. A alegria é intensa. Numa segunda fase, há uma adesão completa, parecendo nalguns casos mais extremos a tender para uma identificação. Numa terceira fase, há um recuo: mas, se é lento no distanciamento, mais lento será no reconhecer a deriva e no assumir dos novos interesses; segue-se uma fase muito individualista, em que é difícil detectar qualquer tendência geral, actuando cada arquitecto por preferências pessoais e pouco partilhadas; muitas contradições emergem nesta longuíssima fase. Por último, surge um despertar, que actua em crescendo no momento histórico que vivemos; e que tende a reequilibrar um pouco a relação numa permuta biunívoca. Surge um novo património do moderno brasileiro, surge um antigo património nunca verdadeiramente explorado. Surge um interesse por outros tipos de experiência – do urbanismo e da investigação em estudos arquitectónicos. Inauguram-se ou intensificam-se novas formas de comunicação – os congressos, conferências, seminários internacionais e os vários usos da internet.

Consideremos agora a base para tal interpretação – a noção de horizonte de expectativa que permite distinguir o que rompe a expectativa da norma e da conformidade expectáveis, como um desenho de figura-fundo. Aqui, os pequenos desvios já são detectáveis e assumem significados que um quadro de perguntas e respostas se organiza para deslindar: afinal, trata-se sempre de um processo *a posteriori*, quando as respostas estão dadas e é preciso colocar as perguntas correspondentes. O formidável acolhimento que teve a AMB em terras portuguesas no século XX não deixa por isso mesmo de colocar a questão: porquê? A que horizontes se opunham os arquitectos portugueses que explicasse esse acolhimento? Qual a função do modelo da AMB nessa economia de expectativas e de resultados dos seus trabalhos?

Procurar-se-á colocar algumas hipóteses para este quadro interrogativo. Mas, antes disso, procedamos à exposição do mapa da cadeia receptiva acima referida, primeiro reconhecimento do processo da ‘influência brasileira’ no moderno em Portugal, frequentemente aludido e comentado, mas ainda mal conhecido no seu decurso temporal.

As publicações – periódicas e não periódicas

Para os fins deste estudo, procedeu-se inicialmente a um levantamento representativo de artigos dedicados à AMB em periódicos portugueses. Esta revisão bibliográfica apoiou-se nas revistas especializadas editadas com maior continuidade e simultaneamente abrangendo pelo menos a maior parte do período em análise (décadas de 30 a 70). A *Arquitectura* e a *Binário* apresentam alcance nacional; a *Técnica* foi seleccionada por frequentemente ter publicado importantes artigos arquitectónicos com anterioridade às

outras e por ter dado destaque inédito aos temas do urbanismo. Foram consultadas as várias revistas intituladas *Arquitectura* com ou sem subtítulo, em todas as suas séries e coordenações editoriais¹; iniciou-se este levantamento em 1927, ano crucial para a arquitectura moderna portuguesa, e terminou em 1988, ano em que surgiu o último número publicado deste conjunto. Este núcleo de periódicos pode ser considerado o mais importante meio de difusão de ideias, imagens e reflexões que permitiu o conhecimento sobre a arquitectura nacional e estrangeira no período estudado. Nele, foram divulgados de modo integral a Carta de Atenas e “também textos que os nossos mais qualificados profissionais vão produzindo, em acção de crítica ou luta por uma arquitectura assumida como mais consentânea com as necessidades do país”². Em particular, a revista *Arquitectura* “atinge larga audiência e torna-se o ponto de encontro dos defensores de uma ideologia que não se esgota na arquitectura, mas se prolonga em acções cívicas e políticas”³. A *Binário* inicia a sua publicação em 1958 e prolonga-se até 1977; nesta altura, a par de uma perda de velocidade do Movimento Moderno, as questões relacionadas ao planeamento urbano ganham proeminência e a revista apresenta uma heterogeneidade de perspectivas. Em 1925 inicia-se a publicação da revista *Técnica* que permanece até aos anos 90; consiste numa publicação da Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico, dedicada à engenharia, apresentando porém artigos originais sobre a arquitectura⁴, alguns deles com publicação inédita.

O destaque dado às publicações especializadas justifica-se porque apresentam a longevidade que permite verificar o intensificar ou afrouxar de interesses e porque, tal como refere nos anos 50 Carlos Duarte na *Arquitectura*⁵, em *Literatura Arquitectónica*, “na literatura frequentada pelos arquitectos ocupam as revistas um lugar predominante”. Embora não contabilizadas neste estudo, as publicações periódicas estrangeiras merecem um comentário. Citando-as de modo especial, o mesmo crítico afirma que “o que define mais perfeitamente uma revista de arquitectura é a posição ideológica frente às obras e aos

¹ *Revista Arquitectura, Revista mensal de Construção, Decoração, Belas Artes, Arqueologia*, 1ª série é editada entre 1927 e 1931; *A Arquitectura Portuguesa, Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação Reunidas*, 3ª série, editada entre 1935-1950; *Arquitectura, Revista de Arte e Construção*, 2ª série entre 1948-1957 e 3ª série entre 1957-1968; *Arquitectura, Revista de Arquitectura, Planeamento, Design e Artes Plásticas*, 3ª série entre 1969-1973; *Arquitectura, Revista Bimestral de Arquitectura, Planeamento, Design, Construção e Equipamento*, 4ª série entre 1974-1984; e *Arquitectura Portuguesa*, 5ª série entre 1985-1988.

² FERNANDEZ, Sérgio, **Percursos – Arquitectura Portuguesa** p. 67, referindo-se à *Arquitectura* nº 22, de 1948.

³ DUARTE, Carlos, **Tendências da Arquitectura Portuguesa**, p. 15.

⁴ Como por exemplo os textos de Le Corbusier (Nº 142, Dezembro 1943 e o nº 143, Janeiro de 1944), o resumo da *Carta de Atenas* por Nuno Teotónio Pereira (Nº 147, Maio 1944), texto de Keil Amaral (nº 195, Outubro 1949) ou o texto sobre *A Experiência de Alvalade* de Luis Guimarães Lobato (nº 209-210, Fevereiro/ Março 1951).

⁵ *Arquitectura* nº 60, Outubro de 1957.

problemas do seu tempo”. Referindo-se à divulgação da arquitectura moderna no circuito mundial, nomeia nesse ano de 1957 duas revistas: *L’Architecture d’Aujourd’hui* como exemplo de publicação ‘mais panorâmica’ que “não interfere na corrente dos acontecimentos”, e *The Architectural Review*, “publicação inglesa com influência na evolução da arquitectura mundial”, e que “em Portugal conta um número apreciável de leitores”, segundo o autor. Sabemos que a primeira teve uma ampla difusão em Portugal, até hoje; é de assinatura continuada e nunca interrompida nas principais bibliotecas universitárias de arquitectura e engenharia. Neste contexto, são importantes os numerosos artigos que estas revistas publicaram sobre a AMB entre as décadas de 40 e 60, tendo a primeira dedicado mesmo vários números exclusivamente ao Brasil⁶, obviamente com difusão também em Portugal.

Para além das revistas especializadas, foi realizada uma revisão bibliográfica em publicações não periódicas organizadas segundo aquelas que conferiram visibilidade à produção arquitectónica moderna brasileira no cenário internacional incluindo Portugal⁷ e aquelas de origem portuguesa (Quadro 1).

No segundo grupo, a sistematização inaugural das obras concebidas e realizadas nos moldes do Movimento Moderno ocorre em 1943 por meio do ‘marco fundador’ de Philip Goodwin e fotos de Kidder-Smith, *Brazil Builds*. Tal como no resto do mundo, excepto os nova-iorquinos que puderam ver a exposição homónima, será por meio desta publicação que em Portugal⁸ a linguagem arquitectónica brasileira e alguns dos seus arquitectos tornam-se conhecidos⁹. Na década de 50, chega a segunda narrativa sobre a *Modern Architecture in Brazil* de Henrique Mindlin¹⁰. Editado na altura como uma obra trilingue, o livro visa claramente a divulgação da AMB no plano internacional.

⁶ *L’architecture d’Aujourd’hui* nº 13-14, Setembro 1947; nº 42-43, Agosto 1952; nº 90, Junho 1960.

⁷ De que apenas as duas iniciais são explicitamente referidas, por esse grupo ser do conhecimento geral no âmbito do DOCOMOMO Brasil.

⁸ Apesar do conhecimento geral da publicação, PEREIRA, Nuno Teotónio. **Escritos (1947-1996, selecção)**, p. 303 - reforçando assim o comentário de Lauro Cavalcanti (2001, p. 20) ao referir que “a mostra ‘Brazil Builds’ percorreu, durante três anos, quarenta e oito cidades do continente e o seu catálogo-livro alcançou os principais centros europeus e países tão distantes como a África do Sul”.

⁹ Lúcio Costa, Affonso Reidy, os irmãos MMM Roberto, Rino Levi, Óscar Niemeyer, Henrique Mindlin entre outros, como refere PEREIRA, Nuno Teotónio. **Escritos (1947-1996, selecção)**, p. 304.

¹⁰ Tal como refere FRANÇA, José Augusto **Historia da Arte Ocidental 1780-1980**, p. 295.

Publicações – periódicas e não periódicas			
Déc.	Revista/ Autor	Data	Artigo/ Livro
30	A Arquitectura Portuguesa - Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação (Reunidas) nº 25 – Abr 1937, pp.29-34	1937	Arquitectura de hoje pelo estrangeiro
40	GOODWIN, Philip	1943	Brazil Builds, Architecture New and Old
	Arquitectura - Revista de Arte e Construção nº 28 –1949 nº 29 – Fev/ Mar 1949, p.17	1949 1949	Lugar da Tradição Vítor Palla Arquitectura Mod. Brasileira, Arquitectura Mod. Portuguesa
50	Arquitectura - Revista de Arte e Construção nº 36 – Nov 1950, pp. 2-3/ 8 Arquitectura - Revista de Arte e Construção nº 41 – Mar 1952, pp. 8-9 nº 41 – Mar 1952, p. 20 nº 46 – Fev 1953, p. 23 nº 46 – Fev 1953, p. 14 nº 47 – Jun 1953, pp. 7-10 e 19-21 nº 52 – Fev/ Mar 1954, pp. 7-12 nº 52 – Fev/ Mar 1954, pp. 21-22 nº 53 – Nov/ Dez 1954, pp. 10-16 nº 53 – Nov/ Dez 1954, pp. 17-22	1950 1952 1953 1954	A Arquitectura é uma Arte e uma Ciência Rino Levi Bloco de Habitações na Praia da Gávea – Brasil Óscar Niemeyer I Bienal de São Paulo – Exposição Internacional de Arquitectura Chamada de Trabalhos para a II Bienal MASP Chamada de Trabalhos para o III Congresso da UIA, em Lisboa O Arquitecto e a Sociedade Contemporânea pelo Professor Arquitecto Lúcio Costa, UNESCO A II Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo O Pintor Burle Marx e os seus jardins III Congresso da UIA (Lisboa) Exposição de Arquitectura Contemporânea Brasileira
	MINDLIN, Henrique	1956	Modern Architecture in Brazil
	Arquitectura - Revista de Arte e Construção nº 55-56 – Jan/ Fev 1956, pp. 2-34 nº 60 – Out 1957, pp. 55-57 Técnica – Assoc. dos Estudantes do Instituto Superior Técnico nº 287 – Dez 1958, pp. 167-181 Binário - Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento nº 12 – Set 1959, pp. 1-8	1956 1957 1958 1959	Cidades Universitárias Literatura Arquitectónica II Texto Carlos Duarte Brasília – Cidade Modelo Aníbal S. A. Vieira Arquitectura da América entre Câncer e Capricórnio Luís Boróbio
60	Binário - Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento nº 22 – Jul 1960, pp. 222-254 _____ pp. 223 - 224 _____ pp. 245-247 _____ pp. 249-250 _____ pp. 251-254 nº 49 – Out 1962, pp. 687-690 nº 60 – Set 1963, pp. 545	1960 1962 1963	Brasília, Capital do Futuro A arte e a educação Lúcio Costa Na senda da cidade ideal de nossos filhos? Carlos Antero Ferreira O Sonho e a Realidade em Urbanística Huertas Lobo Alguns Pormenores de Brasília Aníbal Vieira Brasília, vítima ainda uma vez Carlos Antero Ferreira Notícias: Le Corbusier no Brasil
	Arquitectura - Revista de Arte e Construção Nº 88 – Mai/ Jun 1965, pp. 113-114	1965	Arquitectura Brasileira Contemporânea Sílvio de Vasconcelos
70	Binário - Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento nº 162 – Mar 1972, pp. 158-160 PORTAS, Nuno	1971 1978	50 Anos de Arquitectura Brasileira A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: uma interpretação
80	ALMEIDA, Pedro Vieira e FERNANDES, José Manuel FRANÇA, José Augusto FERNANDEZ, Sérgio DUARTE, Carlos	1986 1987 1988 1989	História da Arte em Portugal. A arquitectura moderna História da Arte Ocidental 1780-1980 Percurso - Arquitectura Portuguesa: 1930-1974 Tendências da Arquitectura Portuguesa
90	PEREIRA, Nuno Teotónio	1996	Escritos (1947-1996, selecção)

Quadro 1: Ordenação cronológica das publicações periódicas e não periódicas incidindo sobre a AMB publicadas em Portugal, e publicações-chave da primeira divulgação da AMB.

As condições de acesso em Portugal a estas obras conferem-lhes no entanto um estatuto de excepcionalidade: não tanto pela língua da escrita – privilegiando-se então a primeira, visto se tratar de uma publicação bilingue, tendo merecido uma tradução para português com o título bem menos sugestivo de *Construção Brasileira*, e reduzindo-se a segunda, pois as três línguas da edição original são o inglês, o francês e o alemão, mas não o português – e sabemos que à época o domínio de línguas estrangeiras era bem menor do que é hoje; não sendo estes de qualquer modo argumentos de peso, pela preponderância da imagem sobre o texto nos dois casos, o que aliás não deixa em si de carrear efeitos secundários na leitura que desta última se fará – eminentemente visual e pouco assimilada nos seus alicerces conceptuais. Mas sobretudo pela disponibilidade nas livrarias portuguesas destas obras - ou, na realidade, pela sua ausência. Veja-se a primeira: não chegou aos escaparates portugueses, passando a constituir raridade possuir um seu exemplar; e, no entanto, era do conhecimento geral. Numa época anterior ao xerox, a sua posse equivalia a um privilégio. Já nos anteriores *Escritos*, um dos decanos da arquitectura portuguesa, N. Teotónio Pereira, referiu que o seu exemplar fora adquirido na África do Sul. O estatuto desta obra em Portugal é referida por Maurício de Vasconcelos como um ‘segundo Vignola’¹¹ o que por si é demonstrativo da dimensão do seu impacto na arquitectura portuguesa.

Após estas duas obras de origem norte-americana e brasileira divulgadas em Portugal, será a partir da década de 70 que a AMB será referida na bibliografia portuguesa que se propõe historiografar o século XX nacional. Os autores destas publicações são simultaneamente credenciados na história da arquitectura e testemunhos vivos dessa história, porque a viveram directamente – como autores de obras de arquitectura ou como seus companheiros próximos.

As publicações analisadas permitiram estruturar um conjunto de informações que ilustram o modo como a AMB tornou-se conhecida no país e evidenciar o reconhecimento conferido aos seus protagonistas. *Brazil Builds* e *Modern Architecture in Brazil* conferiram visibilidade internacional à AMB dando a conhecer a sua produção, causando impacto ao apresentarem imagens singulares. Fazendo eco do sucesso alcançado neste período, a AMB será objecto de uma divulgação directa em Portugal durante o decénio 40-50. Esta divulgação foi porém mais frequente num segundo período, década de 50 e inícios de 60, em que a produção recente da arquitectura brasileira esteve presente em várias revistas, com destaque em exposições e demais eventos realizados no Brasil e em Lisboa. Um terceiro momento de

¹¹ *Arquitectura* n° 124, 1972, p. 4.

divulgação – década de 70 a meados da de 90 – será definido por meio das visões dos autores portugueses que, ao redigirem a historiografia nacional, reconheceram a contribuição da AMB em determinada fase da produção nacional.

A Figura 1 mostra a dinâmica da presença das publicações que incidem sobre a AMB e constitui um gráfico elaborado a partir do número de artigos presentes no elenco de publicações periódicas e dos livros constantes no Quadro 1.

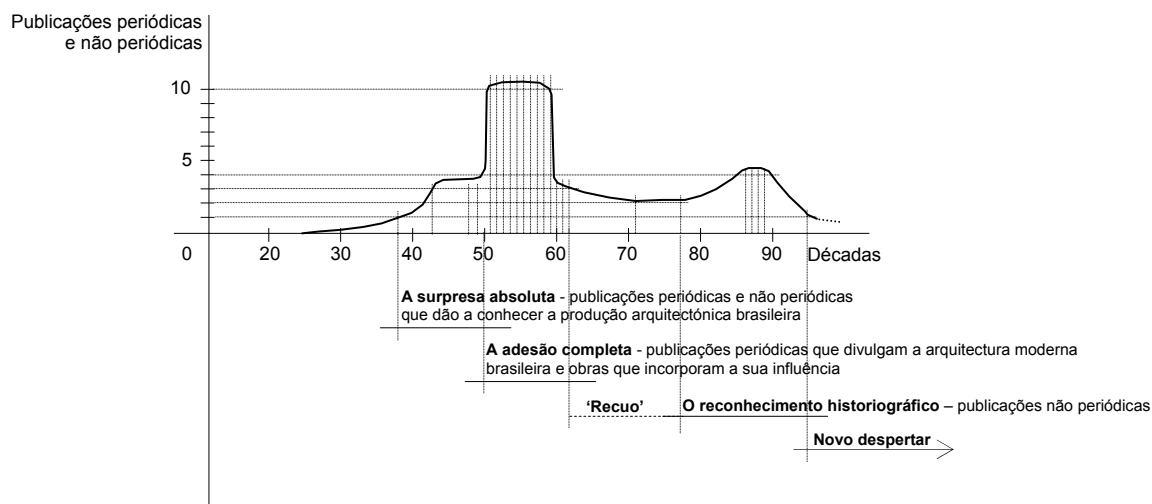


Figura 1: Dinâmica da presença de publicações incidindo sobre a AMB em Portugal.

A surpresa absoluta

Na década de 30-40 em que a produção arquitectónica na Europa escasseia, o Brasil inicia a renovação da sua arquitectura por meio de uma linguagem que viria a ser, ainda nos anos 30, divulgada em Portugal por meio da revista *A Arquitectura Portuguesa*. Em 1937, a secção 'arquitectura de hoje pelo estrangeiro'¹² deste periódico apresenta plantas e alçados de um anteprojecto premiado do *Ministério da Fazenda* – segundo a revista, “um verdadeiro grito de ultra-modernismo (...) [inserido] no moderno revolucionário preconizado por Le Corbusier”. Tanto quanto foi possível apurar, foi o primeiro projecto moderno brasileiro a ser publicado em Portugal, no conjunto de periódicos já referidos. Curiosamente os acontecimentos em torno deste projecto retratam o ambiente cultural e político do Estado Novo em que a renovação estilística se insere: no meio da polémica gerada pelas correntes 'tradicionalista' e 'moderna', o carácter nacionalista é reforçado pelo facto do projecto do edifício 'modernista' vencedor do concurso público¹³ ser por fim recusado. No seu lugar, é

¹² **A Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação** (Reunidas) nº 25, Abril 1937 - 3ª Série, 1935-1938.

¹³ Da autoria de Wladimir Alves de Souza e Eneas Silva.

construído um edifício “protomodernista”¹⁴ “com colunatas, escadaria frontal e diversos elementos bebidos na fonte clássica”¹⁵ (Figuras 2 e 3 a,b).

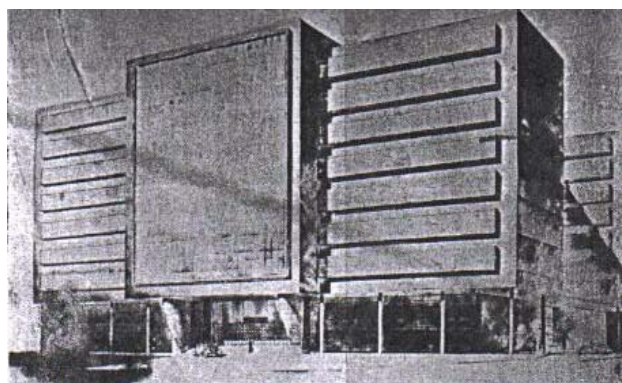


Figura 2: Projecto moderno vencedor (e recusado) do Ministério da Fazenda (1936). Fonte: *A Arquitectura Portuguesa* N° 25 (1937).



Figuras 3 (a,b): Projecto construído do Ministério da Fazenda (1939). Fonte: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (2000).

Figuras 2 e 3: *Ministério da Fazenda* –
Alçado do anteprojecto premiado e recusado e vista do projecto construído.

O edifício está implantado de modo contíguo ao moderno *Ministério da Educação e Saúde* (1936)¹⁶, marco da AMB, ambos situados no centro da cidade do Rio de Janeiro. Vizinhos, e provavelmente com uma localização não fortuita, os dois edifícios retratam o percurso pelo qual passou a AMB e as resistências existentes a esta renovação no meio local. O segundo constitui um triunfo de uma arquitectura nova, derivada do racionalismo internacional e da influência de Le Corbusier. A consolidação do moderno na arquitectura brasileira será reforçada, como é conhecido, tanto no meio interno como no cenário internacional, pelo *Brazil Builds* (1943). Ao serem divulgadas internamente, as primeiras obras modernas realizadas conferem a “vitória dos modernistas sobre os estilos concorrentes, graças à repercussão do sucesso alcançado pela exposição em Nova York”¹⁷.

No meio internacional o livro causa impacto, e Portugal não é excepção. Não somente aquela arquitectura fruto do “surto extraordinário que conheceu o Movimento Moderno” no país durante o período da guerra, mas também “a riqueza da arquitectura barroca, colonial e neoclássica do Brasil”¹⁸. Isto porque *Brazil Builds* permitiu também conhecer o enorme acervo arquitectónico do Brasil Colónia, ao documentar obras construídas entre 1642 e

¹⁴ **Guia da Arquitectura Ecléctica no Rio de Janeiro**, p.48. O projecto da autoria de Luiz de Moura data de 1936.

¹⁵ XAVIER, Alberto, BRITTO, Alfredo e NOBRE, Ana Luiza. **Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro** p. 22.

¹⁶ Actual Palácio Gustavo Capanema.

¹⁷ CAVALCANTI, Lauro. **Quando o Brasil era Moderno. Guia da Arquitectura 1928-1960**, p. 19.

¹⁸ PEREIRA, Nuno Teotónio. **Escritos (1947-1996, selecção)**, p. 303.

1942. Este ineditismo valoriza a coexistência entre o antigo e o moderno, permitindo uma identificação portuguesa com o passado histórico do Brasil, em especial com a linguagem barroca. Proporcionou um modo de superar a contradição existente na altura entre o ‘estilo internacional’ e a resistência que o regime político crescentemente mostrou em aceitar os projectos modernos. Até ao final da década de 40, o regime exercia um controle sobre a linguagem da arquitectura produzida. O contraste a esta situação seria acentuado pelo facto das obras modernas brasileiras então publicadas terem recebido o apoio do governo brasileiro. Um país onde “a arquitectura moderna atingiu tão elevado nível e é aceite, nas suas expressões mais arrojadas pelas próprias entidades oficiais”, como comenta a *Arquitectura*¹⁹. com pesar, por confronto à situação portuguesa de então.



Figura 4: Estação de Hidros (1938) e Escultura de Aleijadinho em Minas Gerais. Fonte: Goodwin (1943), contra-cap.



Figura 5: Igreja de Santa Luzia (1752) e o Edifício do Ministério da Educação e Saúde (1936). Fonte: Mindlin (1956), Foto de Marcel Gautherot.



Figura 6: Igreja em primeiro plano e Castelo d'Água (1937), Olinda, Pernambuco. Fonte: Goodwin (1943), p. 158.

Figuras 4, 5 e 6: Coexistência entre o ‘antigo’ e o ‘moderno’.

O interesse pela modernidade brasileira será ainda incentivado neste período por meio de uma exposição que ocorre no Instituto Superior Técnico em 1949²⁰. Foi trazida pelo Prof. Wladimir Alves de Sousa, o autor do projecto moderno vencedor recusado do Ministério da Fazenda, que se fez acompanhar por um grupo de estudantes brasileiros. Mesmo antes da exposição se redige o seguinte comentário: “...a tradição é coisa muito mais séria do que um cartaz de propaganda (...) nossos filhos brasileiros interpretam melhor a voz do passado; e o mundo volta-se para eles, que erguem novos exemplos de força e agudeza jovens e irreprimíveis”²¹. A propósito da exposição em si, a AMB é considerada por outro arquitecto “séria e cuidadosamente estudada” decorrendo de um estudo criterioso e lógico das condições climatéricas do país da América do Sul de, como resultado, àquela série de

¹⁹ *Arquitectura* nº 36, Novembro de 1950.

²⁰ *Arquitectura* nº 29, 1949, refere que estiveram expostos 85 trabalhos, 80% dos quais construídos.

²¹ Vitor Palla in *Arquitectura* nº 28, 1949.

edifícios, dos mais pequenos aos maiores, um ar fresco, lavado, sóbrio e fundamentalmente plástico”²². Este primeiro ciclo de divulgação da AMB está associado ao período de afirmação da corrente moderna no país e insere-se ainda no período ascendente do Movimento Moderno. Recorde-se que as primeiras visitas de Le Corbusier ao Brasil ocorrem em 1929 e 1936, enquanto Lúcio Costa emerge como principal teórico do Movimento Moderno, publicando textos que estruturam o percurso a seguir em busca da modernidade nacional.

A adesão completa

Os estudos de Lúcio Costa apoiam-se na tentativa de conciliar os conceitos da tradição local com os da arquitectura moderna. Fica claro que o percurso de renovação entre a arquitectura neocolonial e o modernismo arquitectónico passa pela busca das raízes da modernidade no estudo da arquitectura colonial do Brasil. Esta temática é estudada, em particular, nos seguintes textos: *O Aleijadinho e a Arquitectura Tradicional* (1929), *Razões para uma Nova Arquitectura* (1934), *Documentação Necessária* (1937) e *O Arquitecto e a Sociedade Contemporânea* (1952). Este último, texto solicitado pela UNESCO para uma conferência em Veneza, foi publicada na revista *Arquitectura* em 1953. Note-se o modo como na apresentação deste texto é referida a figura de Lúcio Costa: “a ele se deve em grande parte, - na sua passagem pelo ensino da arquitectura no Rio de Janeiro; como orientador na formação dos jovens arquitectos; como trabalhador criterioso e incansável no esclarecimento das autoridades responsáveis -, a preparação do clima que permitiu o desabrochar da arquitectura moderna no Brasil”.

Ainda em inícios da década de 50, a *Arquitectura* publica outro artigo sobre a AMB, desta vez relacionando o seu desenvolvimento às condições climáticas. O artigo de Rino Levi *A Arquitectura é uma Ciência e uma Arte* salienta que “de todas as artes, a arquitectura é talvez aquela que exige mais conhecimentos científicos ou técnicos” e defende como objectivo do profissional o estudo da *forma* em relação às condições climáticas. Esta relação entre *forma* e clima, associada ao uso do concreto armado, confere à AMB um carácter e exigência próprios na utilização de grandes superfícies de vidro e no uso de estruturas livres sobre pilotis. Este tema será ainda apresentado na revista *Binário* no final da década. *Arquitectura da América entre Câncer e Capricórnio*²³, pormenoriza situações da arquitectura de clima quente, relacionando-as às variações de temperatura na América Latina e do Norte. Com um extenso texto sobre o tema, o artigo exhibe exclusivamente

²² Formosinho Sanches in *Arquitectura* n° 29, 1949, p. 17.

²³ Da autoria de Luis Boróbio, Professor da Faculdade de Arquitectura de Bogotá, publicado em *Binário* n° 12, Setembro 1959.

imagens da AMB.²⁴. Citando o Brasil como exemplo, refere-se que “ali surgiram as novas formas de arquitectura tropical e ali adquiriram o seu maior desenvolvimento”.

Referenciada em periódicos portugueses desde o início da década de 50, a AMB terá um período de grande visibilidade entre 1952 e 1954. Em Março de 1952, a revista *Arquitectura* noticia a *I Bienal de São Paulo – Exposição Internacional de Arquitectura* ocorrida entre Outubro e Dezembro de 1951 naquela cidade, aberta a todos os arquitectos e estudantes de dentro e de fora do país. O artigo menciona a premiação dos arquitectos participantes nacionais e estrangeiros segundo diferentes categorias²⁵. “Le Corbusier recebe o Grande Prémio internacional como forma de assinalar a sua influência no surgimento da AMB”²⁶. Na exposição, diversos projectos brasileiros já referidos em Goodwin (1943) e principalmente em Mindlin (1956) são novamente exibidos. A ausência da participação portuguesa na exposição será apontada numa *Arquitectura* de 1954²⁷.

O auge da divulgação ocorre precisamente em 1954. No início do ano é publicado um artigo sobre a *II Bienal de São Paulo*²⁸ realizada dentro do âmbito do centenário das comemorações do *IV Centenário da Cidade de São Paulo*. O evento alcança maior divulgação “pela projecção dos acontecimentos, largamente difundidos pela Imprensa, pelo afluxo de personalidades de quase todo o Mundo, constitui[ndo] acontecimento artístico dominante”²⁹. Na revista *Arquitectura*, a transcrição da acta do Júri Internacional do concurso realizado na *II Exposição Internacional de Arquitectura* refere a entrega de prémios em doze categorias distintas³⁰ cujos projectos são maioritariamente da autoria de arquitectos estrangeiros. Entre eles estão Formosinho Sanches e Rui d’Athouguia, arquitectos portugueses premiados com ‘Menção Honrosa’ na categoria ‘habitação colectiva’. Trata-se do projecto do ‘Bairro das Estacas’, em Lisboa, tal como ficou conhecido pelo facto dos blocos habitacionais estarem assentados sobre pilotis. Noticiado em

²⁴ Edifício de Apartamentos Três Leões, de Mindlin (1951 em São Paulo; Mercado Braz, de Aberlardo de Sousa, 1955, em São Paulo; Piscina Coberta de Ícaro de Castro Melo, 1955, São Paulo; Projecto do Museu de Arte Moderna de Óscar Niemeyer, Caracas; Teatro Marechal Hermes, de Affonso Reidy, 1950 no Rio de Janeiro; Edifícios de Habitação no Parque Guinle, de Lúcio Costa em 1954 no Rio de Janeiro; Conjunto Nacional de David Libeskind em 1955 em São Paulo; Escola Primária em Santo André, de Carlos Frederico Ferreira, 1949.

²⁵ Projectos de habitação, de uso público, técnico ou industrial, e de organização de grandes áreas.

²⁶ Ideias de Arquitectura, *A Arquitectura nas Bienais de São Paulo*.

²⁷ *Arquitectura* nº 52, Fevereiro/ Março 1954 refere que “não houve na I Bienal interesse dos nossos arquitectos em se fazerem representar”.

²⁸ Inaugurada em Dezembro de 1953.

²⁹ Revista *Arquitectura* nº 52, Fevereiro/ Março de 1954.

³⁰ Habitação individual, habitação colectiva, edifícios para fins desportivos, edifícios para fins comerciais, edifícios para fins industriais, hospitais, escolas, e problemas vários. As categorias edifícios para fins religiosos, casa de espectáculos, edifícios públicos, problemas urbanísticos não foram atribuídos prémios.

Arquitectura, o facto “teve, para nós portugueses, a alta importância de ser a primeira vez que compareceram os nossos arquitectos a este certame em número – e qualidade – tais que nos permitiu referir-nos ao caso, anteriormente, «com verdadeira satisfação». Foi pois uma oportunidade de confronto «com o melhor que há no mundo». A observação refere a resistência da classe profissional dos arquitectos ao regime político. A *Arquitectura* refere ainda que “estávamos certos do êxito, não obstante sobre a arquitectura contemporânea portuguesa impenderem condicionamentos na verdade bem pesados, inexistente na quase totalidade dos grandes países com os quais nos íamos confrontar”. A premiação da arquitectura portuguesa na *II Bienal de São Paulo* permitiu o reconhecimento da sua produção, conferindo prestígio ao movimento de inovação da arquitectura em Portugal.

Ainda neste ano, em Dezembro de 1954, a revista *Arquitectura* irá publicar as ‘Conclusões’ do III Congresso da União Internacional dos Arquitectos – UIA, entretanto ocorrido em Lisboa em Setembro de 1953. O evento contou com a participação de 600 participantes de diversos países, incluindo o Brasil. Integrada neste Congresso, realizou-se uma Exposição Internacional, tendo sido o Brasil o único país a representar o continente americano. Apresentada na Sociedade Nacional de Belas Artes, a *Exposição de Arquitectura Contemporânea Brasileira* foi mais uma vez acompanhada pelo Professor Wladimir Alves de Sousa. A conferência que proferiu na altura foi igualmente divulgada na revista, com diversas ilustrações da AMB. A apresentação da comunicação refere que “entre as manifestações mais notáveis do seu progresso material e do seu nível artístico, o Brasil se orgulha de possuir uma arquitectura compatível com as necessidades do presente e as suas condições peculiares de clima, solo e exigências sociais”³¹. No mesmo número, surge um artigo exaltando a ‘cor, textura, forma e volume’ da vegetação tropical presente nos jardins de Burle Marx, cujos projectos estiveram também expostos na exposição.

Note-se que apesar desta exposição só ter sido divulgada na revista *Arquitectura* cerca de um ano após a sua realização, na realidade ela precedeu a *II Bienal de São Paulo*, dando a conhecer na época e de um modo amplo a AMB em Portugal.

Passado este período inicial de divulgação, será no ano de 1956 que um projecto de origem brasileira é seleccionado para publicação no mesmo periódico, inserido num longo artigo intitulado *Cidades Universitárias*, que compreende os planos urbanísticos das cidades universitárias do Rio de Janeiro e de Recife dentre outros. Em 1958, curiosamente por meio da revista *Técnica*, chega a primeira grande referência à concepção de Brasília. Intitulado

Brasília – Cidade Modelo, o artigo do engenheiro Aníbal Vieira apresenta detalhadamente a solução urbanística adoptada no Plano-Piloto, as razões que levaram a transferência da capital do país, e a descrição dos primeiros edifícios construídos na cidade e ainda outros em construção, descrevendo os tipos de materiais utilizados nas diversas estruturas existentes. Vejamos em que termos foi descrita em Portugal: “«Capital da esperança», chamou-lhe André Malraux. «Marco de uma nova civilização» diz-se na América do Sul. «Cidade Modelo» chamaram-lhe conhecidos urbanistas. Rodeada de um lago artificial (...), com um plano piloto escolhido por concurso com júri internacional (...) da autoria do prof. arq. Lúcio Costa, situada num planalto de clima regular e ameno, Brasília – o coração do Brasil – tinha de ter um número de **binário** a ele dedicado”.



EXPOSIÇÃO DE ARQUITECTURA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

INTEGRADA NAS ACTIVIDADES DO III CONGRESSO DA U. I. A., REALIZOU-SE NA S. N. B. A. UMA EXPOSIÇÃO DE ARQUITECTURA BRASILEIRA DA QUAL REPRODUZIMOS ALGUNS DOCUMENTOS FOTOGRÁFICOS, EXTRACTOS DAS INTRODUÇÕES AO CATÁLOGO E UMA CONFERÊNCIA PROFERIDA PELO PROFESSOR WLADIMIR ALVES DE SOUSA QUE POR VÁRIAS CAPITAIS DA EUROPA TEM ACOMPANHADO ESTA EXPOSIÇÃO

Figura 6: Título do artigo de divulgação da arquitectura brasileira em *Arquitectura* nº 53, 1954.

Brasília – Capital do Futuro é o título deste número especial que a revista *Binário* dedica à cidade em 1960, constituindo esta a segunda narrativa sobre a mesma. A divulgação do artigo coincide com a visita de Juscelino Kubitschek a Portugal e é apresentado em tom de homenagem, como modo de “nos associarmos à sua maior obra – a deslocação do Brasil para o seu interior rico mas desabitado (...)”. Este número 22 da *Binário* inclui textos de Lúcio Costa, *A arte e a educação*, inicialmente publicado na revista brasileira *Acrópole*³²; de Carlos Antero Ferreira, *Na senda da cidade ideal de nossos filhos*; e de Huertas Lobo O

³¹ Gil Mendes Morais, Encarregado de Negócios do Brasil, in *Arquitectura* nº 53, Novembro/Dezembro 1954.

³² Revista de arquitectura publicada em São Paulo desde 1938.

Sonho e a Realidade em Urbanística; apresenta ainda *Alguns pormenores de Brasília* do anteriormente citado Aníbal Vieira, considerando de modo resumido a solução urbanística relativamente aos ‘problemas do trânsito’ e ao ‘censo experimental’, destinado a conhecer as condições de vida da sua população. A cidade será ainda divulgada em jornais correntes da época³³.

Admirada por uns e rejeitada por outros, Brasília constitui, desde o princípio, ponto de divergência na história urbanística e arquitectónica. Em defesa da cidade é publicado na revista *Binário* de 1962 o artigo *Brasília, vítima ainda uma vez* de Carlos Antero Ferreira que rebate os argumentos de um leigo sobre o plano da cidade. Na secção ‘das revistas estrangeiras’ de *Arquitectura*, ‘documentação urbanística’ publica um pequeno comentário sobre o número 80 de *L’Architecture d’Aujourd’hui* que “reúne alguns casos de conjuntos urbanos recentes, franceses e estrangeiros (muitos, impropriamente chamados de urbanismo...) documentados por forma pouco exaustiva mesmo quando apresentariam mais interesse como o concurso de (...) Brasília”. A *Binário* de 1963 transcreve o conhecido comentário de Le Corbusier, quando da sua visita à cidade: “o milagre brasileiro é que aqui as coisas são feitas, o país realiza o que em outras nações são ainda ideias e só serão realizadas dentro de vinte ou trinta anos. (...). É no Brasil que o mundo dá o passo do século XX”.

De um modo geral, a concepção e construção da cidade irá suscitar maior número de artigos apoiantes do que o contrário, sendo citada na *Binário* em 1972 e na *Arquitectura* em 1965 como o fecho de um ciclo de prestígio alcançado pela arquitectura brasileira e amplamente divulgado.

O reconhecimento historiográfico

É já numa fase de recuo e lento afastamento da AMB que surgem as primeiras narrativas completas sobre o século XX português. Vejamos como algumas delas se lhe referem.

Causando impacto entre os arquitectos, Nuno Portas redige *A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: uma interpretação* (1978) publicado no último capítulo da edição portuguesa do livro de Bruno Zevi, *História da Arquitectura Moderna*. No percurso traçado, refere a abertura da Escola do Porto “aos padrões do CIAM e dos ensinamentos de Le Corbusier, vistos sobretudo pelo seu reflexo brasileiro”³⁴. A década seguinte será mais rica em publicações que, ao evidenciar projectos e arquitectos brasileiros, reconhecem a AMB

³³ Como refere a *Revista Brasília* nº 8 de Agosto de 1957 no artigo *Brasília no exterior*, a cidade será apresentada em jornais de Lisboa: ‘A Voz’, ‘O Século’ e ‘Diário de Lisboa’ este último referindo ‘a visita do presidente Craveiro Lopes à cidade nascente no planalto goiano’.

como um conjunto de formas e ideias singulares influenciadoras da arquitectura portuguesa da década de 50. Pedro Vieira de Almeida e José Manuel Fernandes referem em *A arquitectura moderna* (1986) que “nos anos 50, a influência da arquitectura brasileira vai dar sentido formal mais consistente às tendências progressistas, muito activas a partir do fim da guerra de 39-45, tendências que tinham tomado expressão mais evidente, embora algo superficial, no Congresso de 1948”³⁵. No ano seguinte, José Augusto França (1987), em *Historia da Arte Ocidental 1780-1980*, cita a data do concurso para o Edifício do Ministério da Educação e Saúde como “primeira data significativa da nova arquitectura no Brasil”. O autor relata os principais acontecimentos do percurso de evolução da AMB, mencionando arquitectos e diversas obras realizadas segundo os princípios racionalistas, culminando com o plano traçado por Lúcio Costa “num ‘sinal em cruz’ de quem toma posse dum vasto terreno onde deveria mudar o destino histórico do país lançado à conquista das terras do seu interior sem medida”³⁶: a planta de Brasília. Em *Percurso - Arquitectura Portuguesa* (1988), Sérgio Fernandez traça uma evolução das diversas obras realizadas nas principais cidades de Portugal e afirma que “a expressão dos arquitectos modernos portugueses será, durante muitos anos, determinada pela adesão aos modelos do estilo internacional, numa fase inicial veiculados pela arquitectura brasileira”. No mesmo ano é realizada em Lisboa uma exposição que deu origem à publicação *Tendências da Arquitectura Portuguesa* (1988), com texto da autoria de Carlos Duarte. Referindo o ambiente político dos anos 50 e 60 e a resistência em “aceitar as normas estilísticas de cunho nacionalista que o regime tenta impor”, o autor refere que, para além da ideologia arquitectónica do racionalismo europeu vinculados a Le Corbusier e Gropius, “é grande também a influência da nova arquitectura brasileira, personalizada em Lúcio Costa, Óscar Niemeyer, os irmãos [Roberto e] Reidy”³⁷. Publicado na década seguinte (1996), *Escritos (1947-1996, selecção)* de Nuno Teotónio Pereira, dedica um capítulo à ‘Influência em Portugal da Arquitectura Moderna Brasileira’, destacando o vocabulário brasileiro, pelas suas próprias palavras - quebra-luzes, cobogós, pilotis, concreto aparente, empenas cegas, superfícies curvas – como “sinais identificadores de uma segunda fase da arquitectura moderna em Portugal”³⁸.

A par deste reconhecimento historiográfico, e por vezes nele integrado, sucede uma curiosa relutância em admitir a influência brasileira. Que tinha sido bem real, como o testemunham inúmeras obras edificadas no Portugal Ibérico, Insular e, até à segunda metade da década

³⁴ PORTAS, Nuno. **A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: uma interpretação**, p.732.

³⁵ ALMEIDA, Pedro Vieira de e FERNANDES, José Manuel. **A arquitectura moderna**, p.147.

³⁶ FRANÇA, José Augusto **Historia da Arte Ocidental 1780-1980**, p.295.

³⁷ A indicação dada pelo autor refere-se possivelmente aos irmãos MMM Roberto e a Eduardo Affonso Reidy.

³⁸ PEREIRA, Nuno Teotónio. **Escritos (1947-1996, selecção)**, p. 304.

de 70, Africano. Um lento afastamento vai ter lugar, que produz uma invisibilidade da arquitectura brasileira contemporânea.

Mas os laços nunca foram cortados. E, ainda antes de chegar ao nulo o interesse pela produção brasileira, nomeadamente nas publicações periódicas, já novos sinais emergiam. De um tipo diferente – mais diversificado, mais equilibrado, mais profundo nalguns aspectos; estão neste último grupo os vários casos de projectos de investigação em curso, envolvendo os dois países. Mas também as permanências de curta duração de docentes nos dois países, de visitas e apresentações de trabalhos, de intercâmbio em Encontros, em Conferências Nacionais e Internacionais, e de contactos por via do *www*. E subrepticiamente, instalou-se um renovado interesse em Portugal pela arquitectura produzida no Brasil, envolvendo quer os projectos contemporâneos, quer os da modernidade enquanto história.

Conclusões

O que significou para os arquitectos portugueses a AMB? Inicialmente, uma terceira via, entre o passadismo imposto governamentalmente e o rígido *cânon* do moderno internacional; e uma esperança. Muitas realizações da AMB eram uma prova de ser possível o encarar a habitação como uma prioridade, o encarar a resolução a uma escala vasta do problema da habitação para o grande número; a deslocação para o domínio do possível de que um governo podia apoiar a arquitectura moderna sem ter obrigatoriamente uma proveniência nórdica, centro-europeia ou norte-americana: era a utopia do próximo, do parecido, concretizada. Depois, significou um vocabulário e uma sintaxe novas para a arquitectura que se fazia quotidianamente. Sobretudo, era uma liberdade inédita no uso do concreto armado, material de eleição também em Portugal e que os diferenciava dos países onde ele era subjugado ou convivia com as estruturas metálicas, as alvenarias portantes ou mesmo a madeira – como, mais uma vez, os então centros da arquitectura moderna, a Alemanha, a Holanda e os Estados Unidos. O lado escultural que a AMB permitia à arquitectura foi um notável factor para a sua adesão; o uso da curva, e da curva de grande dimensão, passou a ser autorizado, permitindo sair da estreiteza da caixa, apelidada consoante os quadrantes, de americana, de comunista, de estrangeirada de qualquer modo. As grelhas, como recurso simultaneamente ambiental e expressivo; e, para os arquitectos mais estruturais, a verdade construtiva da identificação entre elementos portantes e arquitectura. A cor, liberta do carcan do branco do período heróico e simultaneamente da redução da paleta do ‘estilo internacional’; e uma coexistência nova, festiva e interpenetrante com a natureza, tal como nos projectos internacionalmente muito divulgados de Niemeyer e pela via do paisagismo de Burle Marx. Um terceiro tempo é marcado pela

viragem para novas questões, sobre a natureza, controle e apreensão da cidade; aí entram os italianos e os anglo-saxónicos novamente, e sucessivas questões da linguística da arquitectura, entendida por via do historicismo, e as muitas seguintes, apagaram o enlevo com as produções da AMB; e a sua necessidade.

O retorno ao interesse significará porventura uma forma de realismo e um perda do mito do 'pai-filho' ou do mito subsequente dos 'irmãos': embora uma relação privilegiada de afectos continue a estar viva entre os dois países, talvez liberta das pesadas metáforas da família.

Não parece poder repetir-se assim hoje o amor apaixonado que muitos arquitectos portugueses entre as décadas de 40 e 70 sentiram pela AMB. O que se torna singular nessa relação terá sido o desconhecimento disso, que nalguns casos foi um *amour fou*, por parte dos destinatários. Ocupados que estavam na sua própria obra, que chegou à grandiosidade máxima da encomenda – a criação *ex-nihilo* de uma nova capital e o recentramento de um país a uma escala quase continental -, cientes da atenção que o mundo todo lhes prestou a partir da exposição nova-iorquina, o aparelho cultural e os arquitectos da AMB parecem ter passado quase distraídos pelo intenso olhar e afeição dos seus colegas de Portugal.

As muitas perplexidades que este trabalho suscitou nas formas de veicular a matéria informativa do Brasil para Portugal serão, assim como o esclarecimento das modalidades de assimilação concreta das formas da AMB nas obras portuguesas, constituirão a substância de um desenvolvimento subsequente deste estudo.

Bibliografia

Periódicos

A Arquitectura Portuguesa – *Arquitectura Portuguesa, Cerâmica e Edificações (Reunidas)* nº 25, Abril 1937.

Arquitectura – *Revista de Arte e Construção* nº 28, 1949; nº 29, Fevereiro/ Março 1949; nº 36, Novembro 1950; nº 41, Março 1952; nº 41, Março 1952; nº 46, Fevereiro 1953; nº 47, Junho 1953; nº 52, Fevereiro/ Março 1954; nº 53, Novembro/ Dezembro 1954; nº 53, Novembro/ Dezembro 1954; nº 55-56, Janeiro/ Fevereiro 1956; nº 60, Outubro 1957; nº 64, Janeiro/ Fevereiro 1959; nº 88, Julho 1960; nº 124, 1972.

Binário – *Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento* nº 12, Setembro 1959; nº 22, Julho 1960; nº 49, Outubro 1962; nº 60, Setembro 1963; nº 162, Março 1972.

Técnica – *Ed. da Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico*, nº 287, Dezembro 1958.

Não-Periódicos

ALMEIDA, Pedro Vieira e FERNANDES, José Manuel. **História da Arte em Portugal. A arquitectura moderna.** Vol. 14. Lisboa: Alfa, 1986.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**, Versão original *L'Architecture Contemporaine au Brésil* (1971), São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.

CALDEIRA, Vasco. **Idéias de Arquitetura. A Arquitetura nas Bienais de São Paulo.** Hunter Douglas do Brasil Ltda. Disponível em: <http://www.luxalon.com.br/htmls/213lux.html>
Acesso em 17 mar. 2005.

CAVACANTI, Lauro. **Quando o Brasil era Moderno. Guia da Arquitetura 1928 – 1960.** Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001.

COSTA, Lúcio. **Lúcio Costa. Registro de uma Vivência.** (1ª Edição). São Paulo: Empresa das Artes, 1995. (Edição consultada: 2ª Edição de 1997).

DUARTE, Carlos. **Tendências da Arquitectura Portuguesa**, Lisboa: Trama, 1989.

FERNANDES, José Manuel. **Geração Africana. Arquitectura e Cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975.** Lisboa: Livros Horizonte, 2002.

FERNANDEZ, Sérgio. **Percurso - Arquitectura Portuguesa: 1930-1974.** Dissertação de Agregação ao Curso de Arquitectura da Escola de Belas Artes do Porto em 1985. Porto: FAUP, 1988.

FRANÇA, José Augusto. **História da Arte Ocidental 1780-1980.** Lisboa: Livros Horizonte, 1987.

GOODWIN, Philip. **Brazil Builds – Architecture New and Old 1652-1942.** New York: *Museum of Modern Art*, MoMa, 1943.

MINDLIN, Henrique. **Modern Architecture in Brazil.** New York: Reinhold Publishing Corporation, 1956. (Edição consultada *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 1999).

PEREIRA, Nuno Teotónio. **Escritos (1947-1996, selecção).** Porto: FAUP Publicações, 1996.

PORTAS, Nuno. 'A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: uma interpretação', in ZEVI, **História da Arquitectura Moderna**, Vol. II, Lisboa: Ed. Arcádia, 1978.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Guia da Arquitectura Ecléctica no Rio de Janeiro.** Centro de Arquitectura e Urbanismo do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900 – 1990.** São Paulo: Edusp, 1998.

XAVIER, Alberto, BRITTO, Alfredo e NOBRE, Ana Luiza. **Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro.** São Paulo: Editora Pini, Fundação Vilanova Artigas. Rio de Janeiro: RIOARTE, 1991.